

# Imagens grávidas de esperança



‘Jovens Mães’ — que rendeu aos irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne o Prêmio de Roteiro em Cannes — leva às telonas do Cairo a maior grife autoral do cinema belga

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Segunda é dia de uma coqueluche belga assolar o Egito — não como praga, mas como promessa de um porvir esperançoso para a cinefilia: “Jovens Mães” (Jeunes Mères). Laureado em maio com o prêmio de Melhor Roteiro na edição de 2025 do Festival de Cannes, o novo trabalho autoral dos irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne — que já conquistaram a Palma de Ouro duas vezes, com Rosetta e A Criança — brilhou na Mostra de São Paulo, em outubro, e tem mais um pouso assegurado no Brasil. Esse candidato a sucesso de bilheteria, que comove plateias a cada nova sessão, vai integrar o Festival de Cinema Francês do Brasil. Outrora chamado Varilux, o evento ocorre de 27 de novembro a 10 de dezembro, em salas de projeção



Divulgação

**‘Jovens Mães’ é um tratado sobre juventude e maternidade com a grife Dardenne**

de todo o país.

Construído como narrativa coral (com vários núcleos de personagens), “Jovens Mães” parte de um centro de acolhimento para meninas que tiveram filhos na adolescência, seja por descuido com métodos contraceptivos, seja em

consequência de violência sexual.

“Cada menina em cena é uma vítima da ausência de afeto e do desajuste social, e a nossa ambição é retratar como elas se libertam dessa condição”, disse Luc em Cannes. “O cinema é feito de emoções, e tentamos retratar as gentilezas po-

tenciais.”

As jeunes mères do título são Jessica (Bebette Verbeek), Perla (a força da natureza Lucie Laruelle), Julie (Elsa Houben), Ariane (Janaina Halloy Fokan) e Naïma (Samia Hilmi). Cada uma enfrenta um conflito que passa pela

impossibilidade legal e financeira do aborto (nunca abordado por vieses moralistas ou religiosos) e pelas indelicadezas de seus responsáveis e companheiros. Ariane, por exemplo, lida com a mãe alcoólatra e o padrasto abusivo enquanto tenta dar seu bebê para adoção. Já Jessica tenta entender as razões de Morgane (vivida por India Hair) tê-la abandonado após o nascimento. Perla, por sua vez, enfrenta a irresponsabilidade do pai de sua criança, em meio a um contexto racista que a cerca. Nenhuma delas tem uma rotina leve. Tornaram-se mães por acidente. Umas amam essa condição; outras, não. No abrigo, encontram apoio e, mais do que isso, encontram-se — na aliança da sororidade.

“São mulheres que nos comovem”, disse Jean-Pierre.

Neste domingo, uma das atrações mais esperadas da competição oficial do Cairo — entre os 14 concorrentes à Pirâmide de Ouro de 2025 — é a produção marroquina “Calle Málaga”, de Maryam Touzani, com a diva madrilenha Carmen Maura. Ela vive María Ángeles, espanhola de 79 anos que mora sozinha em Tânger, no Marrocos, e aprecia sua rotina diária. No entanto, sua vida vira do avesso quando a filha chega de Madri para vender o apartamento onde sempre viveu. Determinada a ficar, María faz tudo o que pode para recuperar sua casa e seus pertences e, inesperadamente, redescobre o amor e a sensualidade.

## Longa vida a Youssef Chahine

O cinema egípcio ganhou notoriedade no Brasil graças ao legado de Youssef Chahine (1926–2008), o diretor mais aclamado daquele país entre 1950 e 2007, conhecido entre nós por “O Destino” (1997) e “Alexandria... Why?” (Prêmio do Júri na Berlinale em 1979). Com cinco indicações à Palma de Ouro em seis décadas de carreira, Chahine abriu as janelas do mundo para as estéticas audiovisuais do Egito,

representadas nas produções de sua pátria que agora pedem passagem pelas telas deste Festival do Cairo.

Ele apostou em uma expressão cinematográfica que não evitava o narrativismo mais clássico nem fugia do melodrama. Nessa adesão a uma retórica cinematográfica dos anos 1950 — que perseguiu em seus trabalhos das décadas de 1990 e 2000 —, a tradição cultural dos povos árabes se faz notar poeticamente. Para



Divulgação

**‘The Emigrant’ é um marco da carreira de Chahine que regressa à telona no CIFF neste domingo**

honrar a glória de sua filmografia, o CIFF projeta, neste domingo, uma cópia restaurada de um de seus mais potentes trabalhos: “The Emigrant” (“Al-Mohager”), de 1994.

O roteiro acompanha os passos do andarilho Ram (Khaled Naba-wy), que deixa para trás a vida nômade de sua tribo beduína para buscar conhecimento no antigo Egito, uma terra consumida por intrigas e rivalidades políticas. Sua jornada espiritual e intelectual transforma-se em uma meditação sobre ambição e pertencimento em um mundo de intolerâncias. (R. F.)